

Revista Saúde.Com

ISSN 1809-0761

<https://periodicos2.uesb.br/index.php/rsc>

UMA ANÁLISE SOBRE O CONHECIMENTO DOS JOVENS SOBRE A PREVENÇÃO DE IST E PROMOÇÃO DA SAÚDE

AN ANALYSIS OF YOUTH KNOWLEDGE ABOUT STI PREVENTION AND HEALTH PROMOTION

Rabrine da Silva Matos¹, Flávia de Jesus Gomes¹, Rodrigo Fernandes Neves¹, Denise Lima Magalhães¹, Anne Layse Araújo Lima¹, Edilson Josué de Oliveira Junior¹, Elaine Santos da Silva², Cinoélia Leal de Souza³

Centro Universitário de Guanambi- UNIFG¹, Universidade Federal de São Carlos-(UFSCar)², Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)³

Abstract

The present study aimed to verify the knowledge of young people between 18 and 29 years old about measures to prevent sexually transmitted infections and health promotion actions. A quantitative-descriptive study was carried out with university students in a city in the interior of Bahia. The results showed that most young people, even knowing about the ways in which these infections are transmitted, undergo risky behaviors, still demonstrating little knowledge about the Testing and Counseling Centers and low demand for rapid tests. In this way, the need to expand health policies to the academic community is an important step towards reducing sexually transmitted infections.

Keywords: Health education; Young people; STI.

Resumo

O presente estudo teve como objetivo verificar o conhecimento de jovens entre 18 e 29 anos sobre as medidas de prevenção das infecções sexualmente transmissíveis e as ações de promoção à saúde. Foi realizado um estudo quantitativo-descritivo realizado com jovens universitários em uma cidade do interior da Bahia. Os resultados evidenciaram que a maioria dos jovens, mesmo conhecendo sobre as formas de transmissão dessas infecções, se submetem a comportamentos de risco, demonstrando ainda pouco conhecimento sobre os Centros de Testagens e Aconselhamento e baixa procura por testes rápidos. Deste modo, nota-se a necessidade de ampliar as políticas de saúde à comunidade acadêmica é um importante passo para a redução das infecções sexualmente transmissíveis.

Palavras-chave: Educação em saúde; Jovens; IST.

Introdução

As infecções sexualmente transmissíveis (ISTs) são ocasionadas por bactérias, vírus, transmitidos pelas relações sexuais desprotegidas, pelo contato com secreções contaminadas, como mucosas ou pele não íntegra, ou por transmissão vertical durante a gestação, parto ou amamentação, sendo consideradas de grande relevância para a saúde pública.¹

Segundo dados da Organização Mundial da Saúde (OMS), estima-se que haja mundialmente 376 milhões de casos de ISTs a cada ano, estando entre elas a clamídia, gonorreia, tricomoníase e sífilis. Esses dados apontam para uma alta frequência de ISTs e para a necessidade de enfrentamento do problema, através de políticas públicas que promovam educação em saúde.^{2,3}

Nesse quesito, apesar da necessidade de ações que busquem amenizar a proliferação de infecções como HIV, gonorreia, sífilis e HPV, ainda há uma carência na educação sexual para os adolescentes e jovens nas escolas e universidades, dando espaço para que essas faixas etárias estejam em condições de vulnerabilidade, favorecendo assim o ciclo e a expansão das ISTs.⁴

No Brasil, conforme o Ministério da Saúde, considerando somente a infecção por HIV, foram notificados 381.793 casos, entre o período de 2007 até junho de 2021, sendo contabilizados apenas em 2020, 32.701 novos casos da infecção. A alta prevalência dos casos de HIV, principalmente entre os jovens, demonstra como é necessário o desenvolvimento de estratégias que possibilitem que os índices de infecções sejam reduzidos.^{5,6} Mesmo diante do monitoramento epidemiológico do HIV, ainda se observa lacunas na investigação e detecção das demais ISTs que ainda permanecem negligenciadas.⁷

A alta incidência das ISTs entre os jovens pode ser compreendida diante das vulnerabilidades nesta fase da vida em que se inicia a atividade sexual. Ressalta-se que este início, muitas vezes precoce, associado ao relacionamento com múltiplos parceiros, irregularidades no uso dos preservativos e aumento do uso de álcool e drogas, são fatores que contribuem para o elevado índice de infecções entre os jovens.⁸

Apesar da importância da educação no contexto da saúde sexual, evidencia-se de modo geral pouca compreensão sobre as temáticas que envolvem a prevenção e a identificação dos

sintomas das ISTs.⁹ Nota-se que na presença de dúvidas referentes ao assunto, os adolescentes recorrem à internet como fonte de esclarecimento, ao invés de buscarem orientação individualizada, auxiliada por um profissional de saúde.¹⁰

Nesse contexto, destaca-se a importância e necessidade de ações educativas desempenhadas de forma individual e coletiva que contemplem a saúde sexual englobando as orientações adequadas quanto ao uso dos métodos preventivos, esclarecimentos sobre os medos e anseios vivenciados pelos jovens e adolescentes, identificação do meio cultural em que está inserido e promoção e prevenção da saúde, de modo a oferecer o conhecimento sobre a prática sexual segura.⁸

Nessa perspectiva, o objetivo do presente estudo, foi verificar o conhecimento de jovens universitários sobre as medidas de prevenção das ISTs e as ações de promoção à saúde.

Metodologia

Trata-se de um estudo quantitativo-descritivo, cujo principal objetivo consiste em analisar fenômenos, através da utilização de métodos específicos como questionário, entrevista ou formulário para obtenção de amostra e verificação de hipóteses.¹¹

Participaram da pesquisa, estudantes, com idade entre 18 e 29 anos, matriculados em qualquer curso de uma instituição de ensino superior de um município do interior da Bahia. A coleta de dados foi realizada entre os meses de agosto e setembro de 2020, utilizando questionário estruturado, aplicado de forma virtual, elaborado pelos pesquisadores, contendo 42 questões. O questionário pode ser dividido em 2 categorias: a primeira abrangendo dados sociodemográficos e segunda questões relacionadas ao conhecimento dos participantes sobre as ISTs. O tempo de resposta do questionário obteve uma duração média de 10 minutos.

A população estimada de estudantes matriculados e que frequentavam a instituição foi de 3500 pessoas. A amostra foi do tipo probabilística simples, considerando um erro amostral de 5% e um índice de confiança de 99%, do qual foram incluídos no estudo 608 estudantes. A análise dos dados foi realizada através de tabulação utilizando uma planilha eletrônica do Microsoft Excel 2010® e aplicações matemáticas para a obtenção de valores de

porcentagem e desvio padrão, sendo posteriormente distribuídos em tabelas.

O presente estudo foi aprovado por um Comitê de Ética em Pesquisa sob o protocolo CAAE 73169517.3.0000.8068. Todos os participantes assinaram virtualmente o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, garantido o anonimato quanto a sua identificação, sendo informado sobre a finalidade e a importância do estudo.

Resultados

Participaram do estudo 608 acadêmicos com idade entre 18 e 29 anos, matriculados em diferentes cursos de nível superior: saúde, humanas e exatas, nos turnos matutino, vespertino, noturno ou integral, em um município da Bahia.

No que se refere à atividade sexual, 527 (87,1%) afirmaram possuírem vida sexual ativa, enquanto 78 (12,9%) não possuíam. A maioria dos estudantes (37,2%), relatou ter iniciado a vida sexual entre os 14 e 16 anos de idade, seguido dos jovens entre 17 e 19 anos (35,4%), 4,5% afirmaram ter iniciado a vida sexual entre os 10 e 13 anos de idade, conforme a tabela 1.

Com relação a realização de testes para diagnóstico de ISTs, apenas 281 (46,4%) dos participantes haviam realizado, enquanto 324 (53,6%) nunca realizaram tais testes (tabela 1). Entre os tipos de ISTs já adquiridas pelos jovens, estão o HPV entre 23 entrevistados (3,8%) e a tricomoníase entre sete (1,2%). Quando questionados se acreditam ter idade para iniciar a atividade sexual, 269 jovens (44,5%) disseram que não, 179 (29,6%) sim e 157 (26,0%) talvez (tabela 1).

Tabela 1 - Distribuição dos universitários segundo a formação e histórico sexual. Bahia, 2022.

Variáveis	N	%
Área do curso		
Humanas	166	27,4
Exatas	75	12,4
Saúde	364	60,2
Turno do curso		
Matutino	170	28,1
Vespertino	12	2,0
Noturno	257	42,5
Integral	166	27,4
Sexualmente ativa		
Sim	527	87,1
Não	78	12,9
Idade de início de vida sexual ativa		
Entre 10 e 13 anos	27	4,5
Entre 14 e 16 anos	225	37,2
Entre 17 e 19 anos	214	35,4
Entre 20 e 23 anos	71	11,7
Entre 24 e 26 anos	07	1,2
Entre 27 e 29 anos	01	0,2
Não se aplica	60	9,9
Já fez teste para diagnóstico de IST		
Sim	281	46,4
Não	324	53,6
Já teve IST		
Sim	57	9,4
Não	548	90,6
IST que já teve		
Nunca teve	550	90,9
HPV	23	3,8

Tricomoníase	07	1,2
Outras	25	4,1
Acredita ter idade para iniciar vida sexual		
Sim	179	29,6
Não	269	44,5
Talvez	157	26,0

Fonte: Elaborado pelos autores, abril, 2022.

Ao analisar o conhecimento dos jovens sobre as ISTs, notou-se que, dos 608 que responderam, 560 (92,5%) tinham conhecimento sobre a temática, enquanto 45 (7,4%) desconheciam o assunto. Nessa perspectiva, a faixa etária de 20 até 24 anos, correspondeu ao maior índice de indivíduos que tinham informações sobre as ISTs, já que 348 (62,1%), dos 560 que disseram compreender a temática em questão, estavam nesta faixa etária. Por outro lado, a faixa etária com menos informações esteve entre os 18 e 19 anos, uma vez que apenas 85 deles (15,2 %) eram instruídos acerca do assunto, como visto na tabela 2.

Com relação ao conhecimento dos universitários sobre a Profilaxia Pré-Exposição (PrEP), dos 595 que responderam, 294 (49, 4%) conheciam sobre essa medida, e desses, 179 (30%) estavam na faixa etária de 20 a 24 anos. Em contrapartida, 301 (50,6%) universitários relataram que não conheciam sobre a PrEP. Já em relação a Profilaxia Pós-Exposição (PEP), dos 605 universitários que responderam, 307 (50,7%) conheciam essa medida, contudo 298 universitários (49,2%) não conheciam sobre a PEP (tabela 2).

Com relação ao uso do preservativo, a maior parte dos universitários disseram não saber usar o preservativo feminino, o que correspondeu a um total de 344 estudantes (56,6%). Todavia, quando se trata do uso do preservativo masculino os índices se alteram, pois 555 (91,7%) sabiam como usá-lo (tabela 2).

Ao considerar o grau de conhecimento dos estudantes sobre os Centros de Testagem e Aconselhamento (CTA), a maior parte dos entrevistados, 555 (91,7%), não conheciam a localização desse tipo de instituição. Já em relação aos testes para rastreio das ISTs, 249 (41,2%) indivíduos desconheciam os testes, enquanto 356 (58,8%) possuíam conhecimento (tabela 2).

Tabela 2- Autoavaliação de universitários quanto ao conhecimento sobre a transmissão das IST segundo faixa etária

Variáveis	Faixa etária (anos)						Valor de p
	18 a 19		20 a 24		25 a 29		
	n	%	n	%	n	%	
Sabe o que IST							0,406
Sim	85	15,2	348	62,1	127	22,7	
Não	07	15,6	24	53,3	14	31,1	
Sabe o que PrEP							0,001
Sim	32	10,9	179	60,9	83	28,2	
Não	60	19,9	193	64,1	48	15,9	
Sabe o que é PEP							0,003
Sim	34	11,1	189	61,6	84	27,4	
Não	58	19,5	183	61,4	57	19,1	
Sabe usar preservativo masculino							0,085
Sim	79	14,2	345	62,1	131	23,6	
Não	13	26,0	27	54,0	10	20,0	
Sabe usar preservativo feminino							0,695
Sim	40	15,2	159	60,2	65	24,6	
Não	52	15,1	216	62,8	76	22,1	
Acha importante preservativo no sexo oral							0,080
Sim	73	17,4	251	59,8	96	22,9	
Não	19	10,3	121	65,4	45	24,3	
Acha importante preservativo no sexo anal/vaginal							0,037
Sim	92	15,3	372	61,7	139	23,1	
Não	00	0,0	00	0,0	02	100,0	
Acredita se importante discutir nas aulas							0,409
Sim	92	15,4	365	61,2	139	23,3	
Não	00	0,0	07	77,8	02	22,2	
Sabe onde fica o CTA							0,475
Sim	05	10,0	31	62,0	14	28,0	
Não	87	15,7	341	61,4	127	22,9	
Sabe sobre testes rápido para rastreio das IST							0,097
Sim	45	12,6	223	62,6	88	24,7	
Não	47	18,9	149	59,8	53	21,3	
Sexo anal/vaginal desprotegido transmite IST							0,485
Sim	87	15,1	359	62,1	132	22,8	
Não	01	16,7	02	33,3	03	50,0	
Talvez	04	19,0	11	52,4	06	28,6	
Sabe como ocorre transmissão de HTLV							0,034
Sim	14	11,9	66	55,9	38	32,2	
Não	78	16,0	306	62,8	103	21,1	
Já ouviu sobre HTLV							0,644
Sim	19	14,3	79	59,4	35	26,3	
Não	73	15,5	293	62,1	106	22,5	
Sabe diferenciar HIV de HTLV							0,062
Sim	10	9,5	63	60,0	32	30,5	
Não	82	16,4	309	61,8	109	21,8	
Sexo oral desprotegido transmite IST							0,083
Sim	76	15,0	308	61,0	121	24,0	
Não	02	66,7	00	0,0	01	33,3	
Talvez	14	14,4	64	66,0	19	19,6	
A ocorrência de IST pode se dar em crianças e RN							0,628
Sim	84	14,9	349	62,0	130	23,1	
Não	08	19,0	23	54,8	11	26,2	
Gestante com IST pode não transmitir para o RN							0,009
Sim	74	14,1	317	60,6	132	25,2	
Não	18	22,0	55	67,1	09	11,0	

Uma pessoa pode ter mais de uma IST							0,880
Sim	86	15,1	351	61,5	134	23,5	
Não	06	17,6	21	61,8	07	20,6	
IST só é transmitida por sexo anal/vaginal desprotegido							0,304
Sim	11	14,5	42	55,3	23	30,3	
Não	81	15,3	330	62,4	118	22,3	
IST se cura sozinha							0,482
Sim	01	16,7	03	50,0	02	33,3	
Não	56	13,5	258	62,3	100	24,2	
Talvez	35	18,9	111	60,0	39	21,1	
Sabe o que é cancro							0,000
Sim	30	11,9	142	56,1	81	32,0	
Não	62	17,6	230	65,3	60	17,1	
Sabe diferenciar HIV de AIDS							0,289
Sim	40	12,9	190	61,3	80	25,8	
Não	18	19,1	54	57,4	22	23,5	
Sim, mas não lembra	34	16,9	128	63,7	39	19,4	
O agente da IST só é transmitido por sexo desprotegido							0,313
Sim	18	12,8	84	59,6	39	27,7	
Não	74	15,9	288	62,1	102	22,0	
Toda IST tem cura							0,279
Sim	06	18,8	14	43,8	12	37,5	
Não	63	15,3	255	62,0	93	22,7	
Não sei	23	14,2	103	63,6	36	22,2	
Sífilis tem cura							0,291
Sim	54	14,9	224	61,7	85	23,4	
Não	14	19,2	37	50,7	22	30,1	
Não sei	24	14,2	111	65,7	34	20,1	
Pode usar o mesmo sanitário que pessoas com HIV							0,000
Sim	52	12,4	250	59,8	116	27,8	
Não	08	19,5	22	53,7	11	26,8	
Não sei	32	21,9	100	68,5	14	9,6	
Considera importante usar preservativo na sexarca							0,172
Sim	86	14,8	359	61,7	137	23,5	
Não	00	0,0	00	0,0	01	100,0	
Talvez	06	27,3	13	59,1	03	13,6	
A pílula protege contra IST							0,376
Sim	00	0,0	00	0,0	00	0,0	
Não	85	15,1	345	61,3	133	23,6	
Não sei	07	17,1	27	65,9	07	17,1	

Fonte: Elaborado pelos autores, abril, 2022.

Em relação a análise de regressão logística, considerando os resultados da medida de associação baseada em razões, Odds Ratio (OR), no modelo multivariado final, os fatores associados ao conhecimento sobre a transmissão das IST's foram não usar preservativo durante sexo anal/vaginal (OR=1,43; IC= 1,03 – 1,98),

estar trabalhando (OR= 0,47; IC= 0,25 – 0,89) e não fazer o exame de diagnóstico de IST (OR=0,17; IC=0,07 – 0,37). Percebe-se que estar trabalhando e não fazer o exame diagnóstico não influem na ocorrência de IST, já o não uso do preservativo se torna um fator de risco, como evidenciado na tabela 3.

Tabela 3 - Análise multivariada dos conhecimentos sobre a transmissão das IST entre universitários. Bahia, 2022.

Variáveis	OR	IC 95%
Não usar preservativo durante sexo anal/vaginal	1,43	1,03 – 1,98
Estar trabalhando	0,47	0,25 – 0,89
Não fazer o exame de diagnóstico de IST	0,17	0,07 – 0,37

Fonte: Elaborado pelos autores, abril, 2022.

Discussão

As infecções sexualmente transmissíveis acometem pessoas de múltiplas idades e gêneros. Neste panorama, a população juvenil está entre um dos grupos mais susceptíveis às infecções, uma vez que o início da atividade sexual traz consigo riscos à saúde dos jovens, quando não orientados quanto ao uso correto do preservativo.¹²

Dessa forma, a ineficácia das políticas públicas que orientem sobre a temática, evidencia a escassez das ações que abordem a educação sexual durante os atendimentos de saúde. Mesmo entre os jovens que afirmam conhecer sobre as ISTs, ainda relatam que se submetem a comportamentos de risco para transmissão, preocupando-se com maior frequência com a hipótese de uma gravidez indesejada.¹³

Neste contexto, é possível identificar que o início precoce da atividade sexual, sem orientação efetiva, contribui para o aumento da prevalência das ISTs, de forma que diante do baixo conhecimento da população, há dificuldades na detecção de seus sinais e sintomas, o que retarda seu diagnóstico. Notou-se que muitos participantes desconheciam as ISTs e suas formas de contágio e apresentação clínica. Congruente a isso, a pesquisa realizada por Sales et al.¹⁴ revelou que as infecções por HTLV e cancro, transmitidas por via sexual, estão entre as menos conhecidas pela população.

Os estudantes reconhecem a importância de utilizar o preservativo durante a relação sexual, entretanto ao considerar o sexo oral, grande parte dos jovens não caracterizou como importante ou necessário o seu uso durante a prática, o que corrobora com o estudo de Soster, Souza e Castro¹⁵, realizado na região Sul do país, representando assim um importante meio de contaminação por ISTs como o HPV e a sífilis.

O uso do preservativo é apontado pelos participantes como importante na sexarca, Oliveira et al.¹⁶ evidenciaram em estudo semelhante englobando estudantes de ensino superior, que 65% dos 100 participantes relataram ter utilizado o preservativo durante a sexarca, enquanto 16% disseram não ter utilizado, o que ainda representa um percentual significativo do comportamento de risco entre os jovens.

De acordo Silva et al.¹⁷, ainda há um déficit de estudos que tratam das ISTs na perspectiva da atenção básica, o que denota a baixa divulgação do tema entre os veículos de

saúde, tal condição prejudica o conhecimento da população e colabora para que os indivíduos não estejam informados o suficiente quanto a procura por ajuda, diante de condições associadas às ISTs. Leal et al.¹⁸, evidenciam que as atividades desenvolvidas em prol da saúde dos jovens na atenção básica, se resumem à escuta ativa e orientações sem a continuidade da assistência, o que revela a falta de acompanhamento contínuo dos jovens.

Nessa perspectiva, notou-se que entre os estudantes de ensino superior, há desinformação quanto aos métodos de prevenção das ISTs e as ações emergenciais em situações de vulnerabilidade, como a busca pelos centros de testagem e as medidas profiláticas (PrEP e PEP). Em contrapartida, Matos et al.¹⁹, em pesquisa realizada com estudantes de enfermagem e medicina da Universidade Federal do Piauí, identificaram que 86,3% e 94% dos estudantes respectivamente conheciam sobre a PrEP e a PEP, o que se associa ao conhecimento adquirido durante a graduação sobre as medidas assistenciais utilizadas para tratamento das ISTs, necessária para o exercício profissional.

Sabe-se que, a PrEP é um método de prevenção através do uso de medicamentos antes de haver contato com o vírus do HIV, tendo um grau de proteção de 90% contra a infecção. Já a PEP consiste no uso de medicamentos pelos indivíduos após situações de risco de infecção pelo vírus do HIV, sendo iniciada em até 72 horas após exposição, como nos casos de relação sexual desprotegida e acidentes ocupacionais.²⁰

Mesmo diante da relevância da PrEP e da PEP e da sua alta eficácia contra o HIV em situações de risco de infecção, a adesão e o acesso a essas medidas profiláticas no Brasil ainda estão abaixo do ideal, mesmo sendo disponibilizadas pelo sistema Único de Saúde-SUS.²¹

Com relação a utilização dos métodos de barreira para prevenção de ISTs, Santos et al.²², em pesquisa com estudantes de uma escola pública de Pernambuco, também demonstraram que a camisinha masculina foi mais utilizada durante as relações sexuais em comparação à feminina, tendo em vista a falta de explanação quanto aos demais métodos preventivos. Contudo evidenciam que a maioria dos estudantes não se dispôs a responder sobre qual conduta tomariam caso o preservativo não fosse ofertado pelo parceiro, sugerindo que a prática ocorreria sem proteção, demonstrando a resistência e baixa adesão ao método.

Como apontado por Teixeira et al.²³, ao analisarem o uso do preservativo entre

graduandos de curso da saúde em uma universidade do Pará, 65,7% relataram não utilizá-lo em todas as relações sexuais, por motivos relacionados à vontade do parceiro, diminuição do prazer, dentre outros motivos que os tornam susceptíveis às infecções.

Entre o público juvenil, destacando os adolescentes, alguns hábitos, como o aumento do consumo de bebidas alcoólicas torna-se preocupante, principalmente ao considerar a associação entre a prática sexual e o consumo de álcool, diante das alterações psíquicas e comportamentais no organismo por decorrência do consumo elevado, o que influencia na realização de práticas sexuais casuais sem a utilização dos preservativos, tornando os adolescentes ainda mais vulneráveis.²⁴

Segundo Vieira et al.²⁵, em pesquisa com alunos do 8º ano do ensino fundamental ao 3º ano do ensino médio de uma escola pública do município de Pouso Alegre, Minas Gerais, com o objetivo de identificar o conhecimento dos adolescentes sobre práticas sexuais seguras, observou-se que os projetos que até então já foram implementados no espaço escolar, a fim de trazer orientações aos jovens durante a adolescência, mesmo sendo vistos como relevantes por eles, ainda registram pouca participação.

Esta realidade pode ser influenciada pelo contexto familiar dos mesmos, uma vez que alguns costumes repassados, tendem a retardar o diálogo e a discussão da temática entre as famílias. Neste contexto se faz fundamental, a ampliação da rede de apoio entre profissionais de saúde e adolescentes na atenção primária e no espaço escolar, juntamente com participação das famílias, a fim de educá-los quanto a temática, de modo a reduzir os medos que perpassam os familiares e reforçar a importância do diálogo, assegurando que o acesso à informação pelo adolescente ocorra antes mesmo do início da atividade sexual, como forma de prevenir as ISTs.²⁶

O suporte educacional é uma estratégia fundamental para a otimização das adversidades identificadas, de modo a fortalecer o teor informativo com relação às infecções sexualmente transmissíveis e cooperar para que as medidas profiláticas sejam utilizadas com maior frequência. Tal estratégia pode ser comparada ao estudo de Silva et al.²⁷, realizado em uma escola pública estadual de Niterói - RJ, onde graduandos de enfermagem através de palestras e atividades puderam abordar no espaço escolar questões sobre a sexualidade e as ISTs.

Logo, no ambiente universitário, a inserção de projetos entre os estudantes, principalmente entre as turmas de cursos não relacionados às áreas da saúde humana, se torna uma estratégia eficaz para o esclarecimento da temática entre a comunidade acadêmica, como forma de evidenciar sua vulnerabilidade perante as ISTs.¹² A expansão destes projetos para a população entorno das instituições se torna uma estratégia capaz de fortalecer o compromisso social da organização, contribuindo para a manutenção da saúde da população.

Considerações finais

O estudo evidenciou que o conhecimento dos jovens sobre as ISTs ainda torna-se limitado, de modo que os comportamentos de risco para a transmissão das infecções foram perceptíveis entre os estudantes de ensino superior. O aumento dos índices de ISTs está relacionado com o desconhecimento de seus sinais e sintomas, muitas vezes identificados já em estágios mais avançados.

Neste sentido, a vulnerabilidade do público juvenil relaciona-se com a escassez das discussões sobre sexualidade e a prevenção de ISTs nas escolas, uma vez que deveriam destinar maior atenção a essa área desde o ensino básico até a educação superior. Deste modo, o preparo dos educadores para incorporarem o conteúdo nas escolas, com foco no cuidado para a prevenção das infecções, deve ser implementado.

Apesar dos avanços na assistência de saúde de cunho preventivo e no tratamento e controle das ISTs, nota-se a necessidade do fortalecimento das estratégias já implementadas nas unidades de saúde, que garantam uma busca ativa deste público e maior efetividade das ações de educativas. Logo, o repasse das orientações à comunidade acadêmica quanto as ISTs, torna-se indispensável neste processo, a fim de contribuir para o seu conhecimento, e seguidamente auxiliarem no desenvolvimento de projetos acadêmicos sobre a temática, a serem ofertados em prol da qualidade de vida da população adstrita.

Diante de sua relevância, nota-se a necessidade de novos estudos que discutam a temática entre jovens, principalmente entre os grupos mais vulneráveis, a fim de se discutir estratégias eficazes que sejam implementadas para a prevenção das ISTs, de acordo com as necessidades de cada grupo, estimulando a adesão do público.

Referências

1. Ministério da Saúde (BR). Departamento de Doenças de Condições Crônicas e Infecções Sexualmente Transmissíveis. Infecções sexualmente transmissíveis: 2021. Brasília: [acesso em: 13 de janeiro de 2022]. Disponível em: <http://www.aids.gov.br/pt-br/publico-geral/o-que-sao-ist#footer>.
2. Organização Mundial da Saúde (OMS). A cada dia, há 1 milhão de novos casos de infecções sexualmente transmissíveis curáveis. 2019. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/noticias/6-6-2019-cada-dia-ha-1-milhao-novos-casos-infecoes-sexualmente-transmissiveis-curaveis>.
3. Miranda AE, et al. Políticas públicas em infecções sexualmente transmissíveis no Brasil. *Epidemiologia e Serviços de Saúde* 2021; 30 (1): 1-8.
4. Spindola T, et al. A prevenção das infecções sexualmente transmissíveis nos roteiros sexuais de jovens: diferenças segundo o gênero. *Ciência & Saúde Coletiva* 2021; 26 (7): 2683-2692.
5. Ministério da Saúde (BR). Secretaria de Vigilância em Saúde. Boletim Epidemiológico HIV/Aids: 2021. Brasília [acesso em 13 de janeiro de 2022]. Disponível em: <http://www.aids.gov.br/pt-br/pub/2021/boletim-epidemiologico-hiv-aids-2021>.
6. Petry S, et al. Saberes de estudantes de enfermagem sobre a prevenção de infecções Sexualmente Transmissíveis. *Revista Brasileira de Enfermagem* 2019; 72 (5):1145-1152.
7. Fonte VRF, Spindola T, Francisco MTR, Sodré CP, André NLNO, PINHEIRO CDP. Jovens universitários e o conhecimento acerca das infec es sexualmente transmissíveis. *Escola Anna Nery* 2018; 22 (2): 1-7.
8. Sousa CP, et al. Adolescentes: maior vulnerabilidade às ist/aids? *Revista Tendências da Enfermagem Profissional (ReTEP)* 2017; 9 (4): 2289-2295.
9. Fonte VRF, Spindola T, Lemos A, Francisco MTR, Oliveira CSR. Conhecimento e percep o de risco em rela o às infec es sexualmente transmissíveis entre jovens universitários 2018; 23 (3):1-11.
10. Wanzeler ELF, et al. Conhecimento e opinião de alunos da educa o básica sobre Infec es Sexualmente Transmissíveis (IST). *Revista Eletr nica Acervo Saúde* 2021; 13 (2): 1-8.
11. Marconi MA, Lakatos EM. Fundamentos de metodologia científica. São Paulo: Atlas; 2017.
12. Guerra FMRM, et al. Comportamento sexual de estudantes universitários: um estudo de revisão. *Fag Journal of Health (Fjh)* 2020; 2 (2): 300-306.
13. Rizzon BB, et al. Comportamento de risco para infec es sexualmente transmissíveis em estudantes do ensino médio. *Femina* 2021; 49 (2): 52-57.
14. Sales WB, et al. Comportamento sexual de risco e conhecimento sobre IST/SIDA em universitários da Saúde. *Revista de Enfermagem Referência* 2016; 4 (10) 19-27.
15. Soster AP, Souza MLA, Castro EK. Percep o de Risco e Comportamentos de Saúde em Rela o ao Sexo Casual em Universitárias. *Psico-USF* 2021; 26 (1): 117-128.
16. Oliveira PHAM, et al. Experiência dos extensionistas: diagnóstico das necessidades de educa o em saúde sobre infec es sexualmente transmissíveis. *Humanidades & Inova o* 2021; 8 (56): 327-335, 2021.
17. Silva DL, et al. Estratégias de preven o a IST realizadas por enfermeiros na aten o primária a saúde: uma revisão integrativa. *Brazilian Journal of Health Review* 2021; 4 (2): 4028-4044.
18. Leal CBM, et al. Assistência de enfermagem ao público adolescente na aten o primária. *Revista Enfermagem Atual In Derme* 2018; 86 (24):1-9.
19. Matos MCB, et al. Conhecimento de estudantes de saúde acerca da profilaxia pré e p s exposi o ao HIV. *Revista Gaúcha de Enfermagem* 2021; 42 (1):1-16.
20. Ministério da Saúde (BR). Departamento de Doenças de Condi es Crônicas e Infec es Sexualmente Transmissíveis. Qual a diferença entre a PrEP e a PEP:2015. Brasília [acesso em 12 de maio de 2022]. Disponível em: <http://www.aids.gov.br/pt-br/faq/qual-e-diferenca-entre-prep-e-pep#:~:text=%C3%89%20importante%20observar%20que%20a,pessoa%20se%20infectar%20com%20v%C3%ADrus>.
21. Araujo JMBG, et al. Análise da oferta e eficácia da profilaxia a pr -exposi o sexual (PrEP) para o enfrentamento do HIV/AIDS no Brasil. *Research, Society and Development* 2021; 10 (12): 1-7.
22. Santos CP, et al. Adesão ao uso do preservativo masculino por adolescentes

escolares. Revista Brasileira de Pesquisa em Saúde 2016; 18 (2): 60-70.

23. Teixeira RC, et al. Uso de preservativos por alunos de cursos de saúde em uma universidade pública. Semina: Ciências Biológicas e da Saúde 2018; 39 (1): 85-90.

24. Costa LD, et al. Análise da vulnerabilidade entre estudantes da rede pública e privada. R. Saúde Pública 2020; 3 (1): 108-119.

25. Vieira KJ, et al. Conhecimentos de adolescentes sobre métodos contraceptivos e infecções sexualmente transmissíveis. Revista Baiana de Enfermagem 2021; 35 (1): 1-9.

26. Alves LS, Aguiar RS. Saúde sexual e infecções sexualmente transmissíveis na adolescência: uma revisão integrativa. Revista Nursing 2020; 23 (263): 3683-3687.

27. Silva NVM, et al. Educação em saúde com adolescentes sexualidade e prevenção de IST. Research, Society and Development 2020; 9 (8): 1-11.

Endereço para Correspondência

Rabrine da Silva Matos

Rua Dr. José Humberto Nunes, Bairro Paraíso, nº

368 -

Guanambi /BA, Brasil

CEP: 46430-000

E-mail: rabrinasilva@gmail.com

Recebido em 23/09/2022

Aprovado em 28/12/2022

Publicado em 30/12/2022